

SR. BRASIL
E O LUGAR DA
MÚSICA POPULAR
NA TELEVISÃO
BRASILEIRA



IV SICCAL

[GT 1 - PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E FRUIÇÃO DE BENS CULTURAIS]

Carlos Eduardo Magnani Rizzo
Universidade de São Paulo

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

O objetivo deste artigo é elaborar uma reflexão que busque entender como se constitui o campo cultural na televisão brasileira a partir da análise do programa musical *Sr. Brasil*. Criado em 1981 pelo ator e compositor Rolando Boldrin, o programa estreou na TV Globo com o nome de *Som Brasil*, e desde então circulou por várias emissoras abertas de televisão, de forma interrompida, mudando de nome, mas mantendo o mesmo conceito de programa. Há 13 anos é exibido pela TV Cultura. Utilizando a noção de campo e de mediação, vamos buscar entender em que lugar se encontra o programa *Sr. Brasil* na atual grade de programação da televisão brasileira e procurar conhecer como o programa constrói seus modelos simbólicos de arte, cultura e entretenimento.

Palavras-chave: Sr. Brasil. Rolando Boldrin. Televisão. Cultura brasileira.

The objective of this article is to elaborate a reflection that seeks to understand how the cultural field in Brazilian television is constituted from the analysis of the Brazilian music program *Sr. Brasil*. Created in 1981 by actor and composer Rolando Boldrin, the program debuted on TV Globo under the name of *Som Brasil*, and has since circulated through several open television stations, in an interrupted manner, changing its name but maintaining the same concept of the program. For 13 years it is shown by TV Cultura. Using the notion of field and mediation, we will try to understand where the *Sr. Brasil* program is in the current schedule of Brazilian television programming and seek to know how the program builds its symbolic models of art, culture and entertainment.

Keywords: Sr. Brasil. Rolando Boldrin. Television. Brazilian culture.

El objetivo de este artículo es elaborar una reflexión que busque entender cómo se constituye el campo cultural en la televisión brasileña a partir del análisis del programa musical *Sr. Brasil*. Creado en 1981 por el actor y compositor Rolando Boldrin, el programa se estrenó en la TV Globo con el nombre de *Som Brasil*, y desde entonces circuló por varias emisoras abiertas de televisión, de forma *interrumpida*, cambiando de nombre, pero manteniendo el mismo concepto de programa. Hace 13 años es exhibido por la TV Cultura. En el marco de la noción de campo y de mediación, vamos a entender en qué lugar se encuentra el programa *Sr. Brasil* en la actual serie de programación de la televisión brasileña y tratar de conocer cómo el programa construye sus modelos simbólicos de arte, cultura y entretenimiento.

Palabras clave: Sr. Brasil. Rolando Boldrin. Televisión. Cultura brasileña.

Introdução

Meu objetivo é que este artigo seja agregado à dissertação de mestrado de Estudos Culturais que desenvolvo desde o início de 2018 no Programa de Pós-Graduação de Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da Universidade de São Paulo (USP).

O programa de auditório *Sr. Brasil*, que atualmente ocupa a grande de programação da TV Cultura em dois horários: domingo às 10 horas com reprise às terças-feiras, 22 horas, tem um dos mais longos e tortuosos caminhos na televisão brasileira. Há 12 anos é produzido por uma televisão pública, a TV Cultura, emissora da Fundação Padre Anchieta, entidade pública de direito privado ligada à Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo e reúne, em sua programação musical, um desfile de músicos e musicistas, cantoras e cantores, compositores, compositoras, poetisas, poetas e contadores de causo de várias gerações, vindos de todos os cantos do Brasil.

O programa circulou, nos seus 37 anos de existência, pelas TVs comerciais abertas mudando de nome, mas mantendo a mesma característica, qual seja, divulgar a produção musical e artística 100% brasileira.

Comandado pelo ator, compositor e cantador Rolando Boldrin¹, um personagem

¹ Rolando Boldrin nasceu em São Joaquim da Barra, interior de São Paulo, em 1936. Começou sua vida artística aos 12 anos, formando uma dupla caipira com o irmão denominada Boy e Formiga. Em São Paulo, foi ator dos teatros do início da televisão brasileira, no final dos anos 1950. Na sequência, atuou no teatro, em novelas de televisão e no cinema. Recebeu o Prêmio APCA de melhor ator pelo filme

que viveu as histórias do início da televisão brasileira nos anos 1950 e 1960, o programa *Sr. Brasil* teve sua origem nos anos 1980, exatamente em 9 de agosto de 1981, quando Boldrin estreou o comando de um programa chamado *Som Brasil* na TV Globo. O *Som Brasil* já continha o mesmo conceito que Boldrin trouxe para a TV Cultura em 2005, como *Sr. Brasil*, e era exibido às 8 horas da manhã, após uma revista televisiva com informações sobre o campo chamada *Globo Rural*. A ideia dos diretores da Rede Globo era aproximar as temáticas abordadas (CORRÊA, TAIRA), primeiro as notícias e histórias do campo, e em seguida um programa musical sobre a cultura regional.

Mas o objetivo de Boldrin, já em 1981, era bem diferente daquele estabelecido pela direção da emissora como aponta o artista em seu próprio site:

O “Som Brasil”, que eu havia criado para oferecer a uma Emissora de TV, tinha como o próprio título induz a pensar a ideia de um grande mapeamento musical e cultural, devido à grande diversidade dos ritmos e músicas do país.²

A televisão brasileira nos anos 1980

Nos anos 1970, a televisão brasileira vivia um momento singular com a ampliação

Doramundo (1978). Gravou 16 discos e compôs mais de uma centena de músicas em toda a carreira.

² <http://www.rolandoboldrin.com.br/som_brasil.asp>, acesso em 30/06/2018.

de sua penetração na sociedade, resultado de uma rápida expansão tecnológica que barateou e popularizou os aparelhos eletro-eletrônicos em todo o mundo, impulsionada por alguns anos de crescimento econômico durante a década de 1970, em plena ditadura civil militar. A televisão entra a década seguinte como a principal forma de lazer, entretenimento e acesso à informação da população brasileira (SODRÉ). O Censo de 1980, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontou que 55% das 26,4 milhões de residências do país estavam equipadas com uma televisão. Segundo Mattos, o crescimento do número de residências com aparelhos de TV entre 1960 e 1980 foi de 1.272%.

É nesse cenário de crescimento acelerado e com muita ajuda do governo militar que a Rede Globo, adquirida pelo jornalista Roberto Marinho, em 1962, ganha terreno, depois de uma controvertida ajuda técnica e financeira do grupo de mídia estadunidense Time-Life, o que era proibido por lei (INTERVOZES). Essa ajuda resultou num desenvolvimento tecnológico, o conhecido “Padrão Globo”, que a diferenciou de outras emissoras de televisão nos anos 1970 e trouxe divisas para o empreendimento por conta da excelência técnica e uma agressiva técnica de aproximação com os anunciantes. Em 1981, por exemplo, 59,3% de toda a verba publicitária dos veículos de comunicação estavam concentradas na televisão, e a Rede Globo abocanhava 75% desse total, apesar de alcançar uma audiência média de 60% dos lares brasileiros. (VALIM, COSTA).

Nos anos 1950 e 1960, quando a televisão atingia a pequena classe média urbana brasileira, grandes nomes do rádio, teatro e cinema como Dias Gomes, Gianfrancesco

Guarnieri, Oduvaldo Vianna, Max Nunes, Janete Clair, Mário Lago, Grande Otelo e Cacilda Becker entre outros artistas, jornalistas e radialistas iam para as empresas televisivas como a TV Tupi, a TV Excelsior e a TV Rio, que produziam adaptações de clássicos do teatro e da literatura universal com apresentações ao vivo.

A partir dos anos 1970, com a consolidação do vídeo-tape, que possibilitou a gravação prévia e edição dos programas, dá-se uma corrida pela elaboração de programas populares que buscam massificar a programação de televisão, dentro de uma visão típica de indústria cultural. Surgem novelas de temáticas populares, que dividem seus roteiros em capítulos que prendem o telespectador em uma história que será consumida por meses, e surge uma miríade de programas de auditório para as massas, inicialmente influenciados pelos programas de auditório das rádios nos anos 1930 e 1940, mas que com o tempo, vão ganhando uma estética própria, caracterizada pela intensa movimentação de palco e muitas atrações diversificadas.

Em meio a uma profusão de programas parecidos destacamos dois que chegaram ao auge da popularidade nos anos 1980: Discoteca/Cassino do Chacrinha, apresentado pelo comunicador Abelardo Barbosa³, que estreia na televisão no final

³ José Abelardo Barbosa de Medeiros nasceu em Surubim, Pernambuco, em 30 de setembro de 1917. Aos 20, ele passou a ser locutor na Rádio Club de Pernambuco. Trabalhou em várias emissoras de rádio e começou a carreira como locutor na Rádio Tupi. Em 1943, lançou na Rádio Clube Niterói o programa de marchinhas de carnaval Rei Momo na Chacrinha. Com o fim do carnaval de 1944, Abelardo criou o Cassino da Chacrinha. Fez tanto sucesso que passou

dos anos 1950, na TV Tupi, e cai no gosto do público nos anos 1960 e 1970, com uma fórmula que misturava números musicais de sucesso, apresentação de alguns novos artistas indicados pela poderosa indústria fonográfica, escracho e humor; e o Programa Silvio Santos, que nos domingos misturava show de calouros, quiz show, sorteios, brincadeiras e melodrama familiar. Santos começou na TV Paulista, passou pela TV Globo e Tupi nos anos 1970, até que o apresentador conquistasse a concessão de sua própria emissora, o SBT, depois da falência da TV Tupi (MATTOS).

Um tempo de massificação e pasteurização que perdura até os dias atuais e que Chacrinha, também conhecido como o Velho Guerreiro, conseguiu resumir com maestria num bordão fartamente utilizado em seus programas: “na televisão nada se cria, tudo se copia”. Uma forma popular de traduzir Bourdieu que no livro *Sobre televisão*, faz uma análise da constituição desse campo a partir da realidade da televisão francesa:

Para ser o primeiro a ver e a fazer ver algumas coisas, está-se disposto a quase tudo, e como se copia mutuamente visando a deixar os outros para trás, a fazer antes dos outros, ou a fazer diferente dos outros, acaba-se por fazerem todos a mesma coisa, e a busca da exclusividade, que, em outros campos, produz a originalidade, a singularidade, resulta aqui na uniformização e na banalização. (BOURDIEU, 1997:27)

a ser conhecido como Abelardo “Chacrinha” Barbosa. <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/chacrinha/trajetoria.htm>>, acessado em 04/07/2018.

Surge o programa *Som Brasil*

É nesse cenário de desenvolvimento tecnológico, massificação e sobretudo concentração financeira em um único veículo de comunicação que surge o programa *Som Brasil*.

Boldrin, que em 1974 estreou como cantor e compositor com *Cantadô* e em 1978 fez sucesso com o disco *Longe de Casa*, uma antologia da música caipira tradicional das décadas de 1940 e 1950, passa a ser referência na televisão brasileira quando o assunto é música de raiz pelo contato que teve, desde pequeno, com a cultura caipira e por conta dos “causos” que divulgava em todos os círculos de artistas que convivia. Esse contato com diversas culturas regionais, com o rádio, o teatro, a literatura, a música tradicional e de raiz foi-se amalgamando em uma concepção de programa musical diferente do que se multiplicava na televisão brasileira, como ele próprio revela numa série de entrevistas dadas para a coleção Aplauso Perfil:

A ideia do programa *Som Brasil* me acompanhava há muito tempo. Desde menino tinha fascínio e curiosidade pelas coisas do Brasil. Lia Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Jorge Amado, Câmara Cascudo, ouvia Noel Rosa, Almirante, Ari Barroso, Assis Valente. (ABREU, 2007:100)

Na publicação *Caderno de Músicas - Vamos tirar o Brasil da gaveta*, com as letras e partituras das suas composições, o texto de apresentação dá pistas de suas inspirações.

Desde cedo Rolando demonstrou sua afinidade com a cultura brasileira.

Ouvia João Pacífico, Raul Torres, Serrinha, Mariano e Alvarenga.

Mesmo criança se interessava pelas coisas musicais e culturais. Com nove anos já lia Catulo da Paixão Cearense, alguma coisa de Guimarães Rosa e Zé da Luz, um poeta paraibano.

Também chegou a assistir ao nosso grande Cornélio Pires, em suas apresentações pelas praças do interior, o que certamente influenciou bastante na cultura e no gosto musical do nosso “cantadô” de São Joaquim da Barra-SP. (BOLDRIN, 2006:2-3)

Boldrin conta que circulou por várias emissoras apresentando o projeto, até que a Globo comprou a ideia. A emissora, depois de lançar, em 1980, o matutino *Globo rural*, na esteira da expansão da agropecuária no Brasil, viu a oportunidade de ampliar o alcance desse público fazendo uma dobradinha com um programa sertanejo.

Em outra publicação sobre Boldrin, editada pelos jornalistas Willian Corrêa e Ricardo Taira, que comandam o jornalismo da TV Cultura, podemos descobrir um pouco mais como foi-se formatando o *Som Brasil*.

Foram várias reuniões até a assinatura do contrato. A cada encontro, uma nova exigência de Boldrin: “Não pode ter merchandising... Eu escolho os músicos... Não quero música sertaneja...” Eram tantos não, algo que a direção da Globo não estava acostumada a ouvir. (CORRÊA, TAÍRA, 2017:139)

Às 8 da manhã do dia 9 de agosto de 1981, estreia o *Som Brasil*. A vinheta da abertura já anunciava a intenção do programa: abordar a cultura musical do interior do Brasil, com imagens variadas de serra,

sertão, gente; e pela música *Vide vida malvada*, composta por Boldrin exclusivamente para o programa (IDEM). A composição continua como tema de abertura do *Sr. Brasil* até hoje, mantendo uma unidade, uma linha ideológica de programa que atravessa quase quatro décadas na televisão brasileira.

O pequeno solo em viola caipira e o refrão da toada já entrou para o panteão da cultura popular brasileira: *É que a viola fala alto no meu peito humano/ E toda moda é um remédio pros meus desenganos/ É que a viola fala alto no meu peito humano/ E toda a mágoa é um mistério fora desse plano.*

A primeira edição do *Som Brasil* foi um desfile de cantorias, poemas, trechos de obras de Guimarães Rosa, e um entra e sai de músicos consagrados como Dominginhos e a dupla caipira Lui e Léo, um dos mais representativos representantes do estilo caipira, além dos novos compositores e intérpretes como Almir Sater que vinha do Centro-Oeste os irmãos mineiros Doroty Marques e Décio Marques, a soteropolitana Diana Pequeno, e Maranhão entre outros destaques.

Os programas que se sucederam mantiveram o mesmo modelo, refinando ainda mais o amálgama formado por músicos de grande repercussão nacional como Gilberto Gil, Luiz Gonzaga, Chico Buarque e jovens compositores regionais como o tocantinese Juraides da Cruz. Não deu outra: *Som Brasil* fez um sucesso retumbante por todo o território nacional e havia driblado a influência das gravadoras, que acabavam impondo seus cantores em qualquer programa da grade da TV. Para críticos musicais e de televisão, que identificavam o complicado

horário matutino do programa, longe do horário nobre, o *Som Brasil* passou a ser um oásis no deserto da produção musical e cultural na televisão brasileira. Com o tempo, o programa tornou-se o produto musical preferido das famílias brasileiras fora do eixo Rio-São Paulo, reunida em casa nas manhãs de domingo, como revelaram os músicos e compositores nordestinos Zeca Baleiro, Lenine, Rita Ribeiro e Socorro Lira, quando se apresentaram no programa *Sr. Brasil* desta década. Socorro Lira, violonista, cantora e compositora paraibana conta que seu pai reunia toda a família em volta do aparelho de televisão, no início dos anos 1980, para assistir ao *Som Brasil*. Segundo Corrêa e Taira, “em Bauru, interior de São Paulo, um padre mudou o horário da missa para não sofrer a concorrência do programa. Em Curitiba (PR), o programa chegou a dar 80 pontos no Ibope” (IBIDEM).

O jornalista Artur da Távola escreveu, em 1982, uma crítica⁴ sobre o programa apontando o que ele considerou uma “atitude de resistência ao moderno e ao modernoso”. Para ele essa prática: “não é assumida de modo reacionário [...] Ele não está defendendo o cediço, o antiquado. Não! Nenhuma palavra de saudosismo! Ali está, ao revés, o moderno.”

Em outro trecho, aponta:

“A televisão ali não é um fim, mas um meio. O elemento eletrônico entra como divulgador [...]. Forma e conteúdo do programa

aproximam-se [...]. Por dentro da simplicidade aparente do programa há essa latência poderosa e complexa: a das formas de vida ali defendidas, sem qualquer discurso ou pregação verbais, apenas com a música escolhida e a opção pelo simples, pelo natural, pelo espontâneo, pelo popular.”

Aqui fica evidente que o caminho escolhido pelo criador e condutor do *Som Brasil* aponta para um modelo de programa distinto daquele que o campo cultural e artístico da televisão brasileira vinha, até então, aplicando, qual seja, o do estabelecimento de uma programação coadunada com os modelos mercadológicos de produção cultural e consumo de entretenimento, buscando sobretudo altos índices de audiência e a massificação que garantisse mais faturamento para a empresa de televisão e outros mercados da indústria cultural como o da indústria fonográfica.

Em *Sobre televisão* Bourdieu, analisando o papel da mídia na sociedade, aponta que o jornalismo “é um campo que está sob a pressão do campo econômico por intermédio do índice de audiência” (BOURDIEU, 1997:77). Bourdieu está falando o quanto o programa jornalístico sofre a influência do poder econômico e o transfere para dentro de sua programação, e por meio dela para toda a sociedade, normalizando uma forma de se fazer a televisão a partir dos interesses do mercado televisivo. Dá para depreender a partir do que Bourdieu fala, que tudo que vale para o jornalismo, em seu pensamento, se aplica com mais veemência a todos os outros formatos de programas de uma grade de programação da televisão, seja no campo noticiário, na ficção, nos esportes ou no entretenimento. Na área cultural, fica ainda mais evidente

⁴ O texto foi registrado no livro *Histórias de amar o Brasil* que marcou os 50 anos de carreira de Rolando Boldrin e republicado no livro de Corrêa e Taira.

a pressão do mercado sobretudo porque há uma outra indústria que depende da exposição midiática do artista, como é o caso da indústria fonográfica, dos programas de TV, rádio e revistas de fofocas, que glamourizam a vida do artista. Na introdução da 8ª edição do livro *O monopólio da fala*, editado em 2010, Sodré segue o mesmo raciocínio de Bourdieu e reforça que a rela o comunicacional instituída pelo *medium* televisivo com a sociedade constitui um sistema de práticas que reproduz uma ordem social:

Acreditamos, hoje como ontem, que qualquer tentativa de analisar a televisão como um meio isolado, independente de sua rela o com as outras m dias e com o modo de produ o econ mico dominante, será sempre insuficiente. Por isso procuramos caracterizar um sistema da televisão, imbricado com as outras instâncias através das quais o Estado moderno reproduz sua ordem.

É evidente que Boldrin buscou construir um programa que alcançasse êxito e sua presença na televisão de maior audiência do país ajudou sobremaneira nessa busca, mas sua lógica não era a mesma de todos os outros empreendimentos culturais e de entretenimento da televisão brasileira. Por estar desconectado do modelo mercadológico predominante na televisão e por obter sucesso de crítica e público, começou a enfrentar problemas.

“A disputa pela audiência criou um ambiente repleto de enfrentamentos. Um deles chegou ao ápice depois de oito meses de programa. O diretor da Som Livre [...] cobrava insistentemente a presença de cantores sertanejos da

gravadora no Som Brasil. Ele não admitia um programa da Globo não apresentar as músicas de gravadora da própria emissora [...]”. (CORRÊA e TAIRA, 2017:163)

Não é preciso dizer que o embate se arrastou por todo o tempo em que Boldrin esteve comandando o programa *Som Brasil* na Rede Globo, entre 1981 e 1984.

Uma ideia peregrina

O rompimento com a TV Globo aconteceu depois de Boldrin sofrer com uma úlcera por um longo período, resultado das disputas internas. Sem pique para se manter solitário numa concep o de programa cultural que fugia ao modelo hegemônico de negócio da televisão, Boldrin deixa o comando do *Som Brasil*, que passa às mãos de Lima Duarte a partir de 1984. O ator que participara, desde a estreia do musical matutino, interpretando poemas, narrativas da cultura caipira e trechos de escritores consagrados d  outra dire o ao *Som Brasil*, que ficou mais teatral e menos musical, abrindo espaço para a música sertaneja que Boldrin tanto relutou em aceitar (CORRÊA e TAIRA).

Os contornos do embate no interior da Rede Globo e a tentativa de romper com o modelo vigente de programa musical estabelecido pela dire o artística da emissora são, na verdade, o que faz o apresentador Boldrin, na sua insistência em criar um novo jeito de fazer televisão, se aproximar daquilo que Sodré explica como a forma de rela es sociais induzidas a partir de uma sistematicidade operacional.

As relações sociais (políticas e ideológicas), como se sabe, não podem ser pensadas fora de sua condição de práticas de classe situadas em oposição. Por sua vez, os meios de informação (os media) constituem em seu conjunto um aparelho que realiza ideologicamente o poder do Estado. Essa realização é sempre contraditória, uma vez que no interior do aparelho podem chocar-se forças políticas conservadoras e transformadoras ou correntes ideológicas retrógradas e inovadoras [...]. Em qualquer dos casos, porém, o aparelho informativo se articula ideologicamente com a classe que controla o Estado. A ideologia, como a televisão, é também essencialmente forma (de um poder). (SODRÉ, 2010:21)

Boldrin deixa a Rede Globo e leva sua concepção de programa musical para a televisão brasileira consigo. Fica apenas o nome *Som Brasil* e a fórmula do programa, não sua essência. Aparentemente o campo hegemônico artístico e cultural da televisão brasileira vence mais uma de suas batalhas internas. Como diz Bourdieu, cabe ressaltar mais uma vez a submissão desse campo artístico cultural ao mercado.

O programa musical com o nome *Som Brasil* perdurou por anos na TV Globo. Depois dessa primeira fase comandada por Boldrin, que relutou por ceder às pressões do mercado fonográfico, surge uma segunda, que mantém as características “rurais” do programa, comandado por Duarte, que mescla a cultura interiorana brasileira com as apresentações de artistas “da casa”, sobretudo que integram o catálogo artístico da Som Livre, a produtora musical das Organizações Globo. Esse modelo perdura até 1989, quando

definitivamente o programa saiu do ar. Na trajetória do *Som Brasil*, cabe destacar dois prêmios recebidos, que situam onde o programa se encontra na luta entre cultura e mercado: o de melhor programa de TV, concedido pela Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA), em 1982; e o prêmio de melhor programa de televisão do mundo de cultura popular, concedido pela União Soviética, em 1987⁵.

Depois de seis meses distante das telas, ainda em 1984, Boldrin estreia um novo programa, com as mesmas características “do seu” *Som Brasil*, na TV Bandeirantes. Denominado *Empório Brasileiro*, passa a ser exibido em horário nobre, às terças-feiras, 21 horas, com reexibição aos domingos pela manhã, concorrendo diretamente com o *Som Brasil* de Lima Duarte. Boldrin sentiu o peso de disputar espaço com a Rede Globo, que detinha 70% de audiência (Mattos, 1990: 10). O programa não empolgou o público e não decolou como o antecessor, e durou apenas um ano.

Uma nova experiência na televisão brasileira aconteceu somente em 1989, quando, ao lado do artista plástico Elifas Andreato, Boldrin retomou o modelo de programa no SBT - Sistema Brasileiro de Televisão. Nesse ínterim, o “cantadô” passou fazendo shows e contando causos pelos quatro cantos do país, em apresentações teatrais. Nesse período o lado de ator foi refinando o contador de causos e quando *Empório Brasil* foi ao ar, às terças-feiras à noite, reprisados aos domingos

5 <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/musicais-e-shows/som-brasil-1981.htm>>, acesso em 05/07/2018.

pela manhã, Boldrin estava mais solto e o programa que concebera amadurecera. Neste mesmo ano, a Rede Globo tirou o programa *Som Brasil* do ar. Mas mesmo assim, *Empório Brasil* não empolgou o público e mais uma vez Boldrin via um projeto há tanto tempo acalentado se encerrando com apenas um ano de existência.

Mais uma vez, Boldrin volta aos shows caipiras e contação de causos. Em 1997, a Rede Central Nacional de Televisão (CNT), uma emissora do Paraná, convida-o para estrear um novo programa que ganha o nome de *Estação Brasil*, homenagem aos programas de rádio dos anos 1940-1950. O programa muda um pouco de características, apesar de continuar a valorizar a rica cultura popular brasileira, e resiste por apenas um ano.

Somente em 2005, depois de um período envolvido em projetos que procuravam reconstituir em shows e gravações de coletâneas de CDs e DVDs a rica diversidade da produção musical e cultural regional brasileira que surge a oportunidade, na TV Cultura, de recriar um programa com as mesmas características do *Som Brasil*.

A retomada de uma grande ideia

Em 2005, quando Boldrin é convidado pela TV Cultura para montar um programa musical nos moldes do *Som Brasil*, para ser apresentado aos domingos pela manhã, com reprise às terças-feiras à noite, o “cantadô” encontra a seguinte situação: a televisão pública mantinha,

desde 1981, um programa musical voltado para a cultura caipira, o *Viola, Minha Viola*, comandado pela musicista, pesquisadora e professora Inezita Barroso. O *Viola, Minha Viola*⁶ foi criado no mesmo período do *Som Brasil* e, de certa forma, eram concorrentes, mas permaneceu durante todo o tempo no ar e ainda é, até hoje, referência quando o assunto é a cultura caipira, mesmo com a morte da apresentadora, em 2015. Isso porque o programa mantém mais de 1.600 programas gravados, que ainda são regravados pela emissora, apresentando um mosaico das gravações, com trajetória dos artistas ainda vivos ou homenagens para os que já morreram.

O novo programa de Boldrin, que ele dá o nome de *Sr. Brasil*, passa a ser exibido às 10 horas da manhã dos domingos, imediatamente após o *Viola, Minha Viola*, formando uma grade de duas horas de programas musicais de auditório que valorizam e reverenciam a cultura popular brasileira. O “Viola” focado na música caipira, no cateretê, no cururu, e nas músicas e manifestações culturais de raiz da Paulistânia, região que abrange os estados de São Paulo, sul e oeste de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná; e o *Sr. Brasil*, com as manifestações culturais urbanas e regionais de todos os cantos do Brasil, passando pelo samba, o choro, a bossa-nova, os ritmos nordestinos, como o baião, o xote, do centro e norte de Minas Gerais e as manifestações regionais do Sul, Centro-Oeste e Norte do Brasil.

⁶ Rizzo, Carlos. *Viola, Minha Viola: a cultura caipira na televisão brasileira*. <<http://paineira.usp.br/celacc/?q=pt-br/celacc-tcc/757/detalhe>>, acesso em 06/07/2018.

Em seu site, Boldrin resume o alcance do novo programa:

Divulgar os ritmos, os temas, os artistas e as culturas regionais. E vale tudo já escrito em prosa, verso e música – e histórias a serem contadas. O programa é aberto e receptivo... só não se permite nele o que não seja genuinamente nacional. Assim, no *Sr. Brasil*, na TV Cultura, desde 2005, apresento músicos de todos os cantos, de todos... O cenário traz uma grande exposição do artesanato brasileiro.⁷

A mediação da cultura popular na televisão brasileira

Boldrin, nos mais de 37 anos de trajetória, mesmo que interrompida, como apresentador de um programa musical e de auditório da televisão brasileira, se tornou um mediador da produção cultural na televisão brasileira, pois ele conta em suas biografias que faz a seleção dos artistas que se apresentam em seu programa. Durante todo esse tempo buscou valorizar o que há de mais genuíno, original, simples e inovador na produção cultural de nosso país, especialmente na música e na poesia popular. Atualmente, a cada novo programa, ele resgata ou elogia um músico, compositor ou poeta brasileiro, que reflete a vida e as coisas desse grande Brasil.

Para procurar compreender como se dá essa mediação, vamos analisar dois

pequenos trechos de dois dos seus programas, o *Som Brasil* e o *Sr. Brasil*, para verificar como esse “caipira matuto”, vem, ao longo de sua trajetória, lidando com o que se produz na cultura popular brasileira.

São dois excertos de cada programa: um de 1983, quando o *Som Brasil* apresentou o compositor Cadinho Faria e a cantora mineira Titane para cantar a canção *Rio Araguaia*, composição de Cadinho Faria e Toninho Camargos; e outro de 2015, quando a cantora e compositora Maria Martha apresentou sua composição *Natureza* no programa *Sr. Brasil*.

Os dois trechos de programa foram extraídos da internet. O trecho do programa *Som Brasil*, de 1983, do canal “luqiefar1”, que numa primeira análise é um admirador da música regional mineira e do Centro-Oeste. O segundo trecho referente à exibição do *Sr. Brasil*, de 2015, é do canal do Youtube do próprio programa. Vale lembrar que o programa vem utilizando dessa rede social para divulgar e disponibilizar sua programação para todos os públicos. O canal conta com mais de 79 mil seguidores e os novos programas são disponibilizados semanalmente, possibilitando que seu público acompanhe a programação mesmo sem ter acesso à TV Cultura e os diversos canais retransmissores espalhados pelo país, como a TV pública paranaense, mineira e a TV Brasil, além de canais como a TV dos Trabalhadores (TVT). Seu canal divide as gravações por ano, a partir de 2014, e por temas como músicas, causos e poemas.

Rio Araguaia, foi apresentado pela dupla Cadinho Faria (voz e violão) e Titane (voz), com participação especial de Miguel Queiróz (flauta), três dos integrantes, na época, do

⁷ <http://www.rolandoboldrin.com.br/sr_brasil.asp>, acesso em 06/07/2018.

grupo Mambembe⁸ de Belo Horizonte. Foi uma das três músicas escolhidas pelo trio para ser apresentada no programa *Som Brasil*. O canal do Youtube não identifica a data em que o programa foi ao ar, apenas o ano de 1983. A canção, de autoria de Cadinho Faria e Toninho Camargos, faz, de “maneira lírica e metafórica”, referência à luta dos camponeses na guerrilha do Araguaia⁹, o que impressiona ainda mais se imaginarmos que vivíamos no período da ditadura militar, e o programa pertencia à Rede Globo, que editorialmente apoiou o golpe.

A canção é apresentada logo após um dos intervalos comerciais do programa. O vídeo no Youtube começa com a vinheta de intervalo do programa. Em cima de um móvel, um típico rádio dos anos 1950, de madeira, com o dial tomando toda a parte superior do equipamento e uma tela logo abaixo protegendo o auto-falante. Na parte inferior do rádio, vê-se os botões do seletor feitos de madeira. Sobre o rádio um bule de ferro esmaltado na cor verde e tampa preta, típico das casas do interior do Brasil. Ao lado do bule, pequenos vasos com flores de plástico. Ao lado do rádio uma imagem grande de Nossa Senhora Aparecida sobre o globo terrestre. No som, desde o início do spot, a música *Vide Vida Marvada* de Rolando Boldrin, pontuada em uma viola. Sobre a

imagem que acabamos de descrever, surge a logomarca do programa, com a palavra SOM estilizada e vazada, com um fio branco nas bordas tomando toda a área central da tela, e a palavra Brasil dentro da letra M. Cruzando toda a tela, sobre a palavra SOM, seis linhas diagonais paralelas, imitando as cordas do violão.

[Figura 1]
Reprodução da vinheta de intervalo do programa *Som Brasil*, em 1983, captado no Youtube



FONTE: Youtube: <<https://www.youtube.com/watch?v=ndPkmpT3Gxo>>, acesso em 30/06/2018.

Na sequência, Rolando Boldrin aparece na imagem, sentado em uma cadeira de madeira, típica do interior do Brasil e diz: “Bom dia, caboclos da beira do Rio Araguaia”. E logo tem início a música, dedilhada no violão por Faria, seguido pela flauta transversal de Queiróz e depois a voz de Titane. Cadinho e Titane sentados num banco de madeira, num ambiente que imita um armazém do interior.

No fundo, duas portas, de folhas duplas, ambas entreabertas por onde entram os artistas. A parede do fundo caiada, na cor rosa claro, lembra as construções antigas, de meados do século XX. Entre as portas, um porta-chapéu com três chapéus pendurados. Entre as portas, no chão, sacos de produtos

8 ALBIN, Ricardo Cravo. Dicionário Houaiss Ilustrado Música Popular Brasileira - Criação e Supervisão Geral Ricardo Cravo Albin. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Instituto Cultural Cravo Albin e Editora Paracatu, 2006. <<http://dicionariompb.com.br/mambembe/dados-artisticos>>, acesso em 05/07/2018.

9 DomTotal.com. Livro refaz trajetória do grupo Mambembe. <<http://domtotal.com/noticia/1095594/2016/11/livro-refaz-trajetoria-do-grupo-mambembe/>>, acesso em 05/07/2018.

alimentícios abertos, com os ingredientes à mostra, como se estivessem sendo vendidos à granel. Em cada saco uma madeira com inscrição identifica cada produto: Arroz, milho, fubá mimoso, feijão.

Depois de alguns segundos que os artistas aparecem na tela, o programa apresenta o nome dos artistas e cidade e estado de origem na parte inferior da imagem. Em um período em que a censura ainda vigora nos programas televisivos, um programa de música regional exhibe uma canção composta por jovens músicos mineiros que cantam uma ode à resistência dos camponeses que lutaram contra a ditadura no Araguaia como na estrofe “Essa terra que te guarda/ conservou teu sangue/ Levantou seu nome/ Nunca há de te esquecer”. E fala de uma vingança na estrofe final da canção: “Camponês, homem da terra/ Vingaré teu sangue”, numa alusão à perseguição e extermínio dos camponeses que lutaram no Araguaia.

Rio Araguaia

(Cadinho Faria e Toninho Camargos)

Brotará o seu sorriso
Teu olhar futuro
Teu amor sincero
Essa terra que te guarda
Conservou teu sangue
Levantou seu nome
Nunca há de te esquecer

Ficará tua certeza
Teu caminho oculto
Tua fantasia
Esse sonho vai ligeiro
Rio de águas turvas
Livre pelo tempo
Até o mar te empurecer

E esse dia, quando o dia
Eu não vejo a hora de gritar a festa
Que essa festa, vai acontecer

O teu sonho, lindo sonho
Veja ainda é hora de levar à frente
Pela frente
Muito que aprender

(repete tudo)

No Araguaia passa um rio
Rio onde plantaste
Tua liberdade
Camponês, homem da terra
Vingaré teu sangue
Sonhará contigo
Nunca há de se esquecer.

Todo o programa, do cenário à escolha dos músicos que se apresentam e do repertório que este grupo leva à TV dão sinais de que algo de diferente acontece no *Som Brasil*, que não está alinhado com o campo artístico e cultural vigente na televisão brasileira. Sobretudo se imaginarmos que a televisão ampliava significativamente seu público. Numa época em que duplas sertanejas que cantavam músicas sobre as dores do amor ou a sofrência da vida do campo ocupavam os auditórios de programas musicais de todos os canais de televisão e de emissoras de rádio, e eram sucessos de venda, *Som Brasil* apostava na sonoridade da diversidade brasileira e fazia contraponto à direção musical da gravadora do conglomerado Globo.

O maestro Júlio Medaglia, que nos anos 1970 trabalhara como diretor musical da Globo, saudou a atitude de resistência e enfrentamento de um modelo mercadológico de programa, em carta

enviada ao apresentador logo depois de sua estreia na TV: “Finalmente alguém preocupado em divulgar e investigar as raízes da música brasileira”, ressaltou (CORRÊA, TAIRA, 2017: 147).

Mas como vimos, Boldrin não venceu essa batalha. Em pouco tempo “Estrada da vida” carro-chefe musical da dupla Milionário & José Rico, ou “Ainda ontem chorei de saudade”, da dupla sertaneja urbana João Mineiro e Marciano eram destaque no *Som Brasil*.

Foi necessário passar mais de 20 anos para Boldrin poder retomar seu modelo de programa musical, influenciado pelos grandes músicos e compositores brasileiros como Catulo da Paixão Cearense, Almirante, Sinhô, Adoniran Barbosa, Chiquinha Gonzaga, Ataulpho Alves e Lupicínio Rodrigues entre outros. Na sequência vamos analisar um trecho de um programa gravado cerca de 10 anos depois de sua estreia na TV pública. Em 8 de março de 2015, Dia Internacional da Mulher, e data do falecimento de Inezita Barroso, a cantora e compositora Maria Martha se apresenta no programa *Sr. Brasil* pela primeira vez. Martha obteve algum sucesso no final dos anos 1970, quando uma de suas gravações (“Flor amorosa” de Joaquim Callado e Catulo da Paixão Cearense), obteve bastante repercussão ao ser incluída na trilha-sonora da novela *Nina* da Rede Globo¹⁰. Participou de diversos discos e shows com artistas como Eduardo Gudin, Paulinho da Viola, Zélia

Duncan, Hermeto Pascoal e Chico César entre outros.

O ambiente do programa *Sr. Brasil*, que desde 2005 é gravado no teatro do SESC Pompéia, em São Paulo, mudou em relação àquele do programa *Som Brasil*, que também era gravado num teatro, Célia Helena, no bairro da Liberdade, em São Paulo (SP). Em vez de um cenário típico de uma casa ou armazém do interior o programa expõe, agora, o artesanato brasileiro, que vem de todos os cantos do país. Peças de madeira, ferro, palha, cerâmica, barro, tecido e cestas, como uma rede, almofadas, esculturas populares de santos, artistas, personagens da cultura popular, oratórios, bonecas, almofadas e árvores entre outros ícones da cultura popular brasileira estão presentes.

Tal cenário é pano de fundo para os artistas, que se apresentam sentados em uma namoradeira de madeira que fica no centro do palco ou em cadeiras e banquinhos, algo bastante parecido com a primeira versão do programa. Apesar dessa semelhança, percebe-se que o cenário do programa está moderno, despojado e mais focado na produção cultural regional brasileira com sua arte e artesanato em vez de um estilo de vida interiorano. CORRÊA E TAIRA contam que o cuidado com o cenário é tanto que parte da arte e artesanato exposta no programa é da região original do artista. Boldrin está mais solto, interage mais com a compositora, dá espaço para ela contar a história da criação musical de *Natureza*¹¹,

¹⁰ ALBIN, Ricardo Cravo. *Dicionário Houaiss Ilustrado Música Popular Brasileira - Criação e Supervisão Geral Ricardo Cravo Albin*. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Instituto Cultural Cravo Albin e Editora Paracatu, 2006. <<http://dicionariompb.com.br/maria-martha>>, acesso em 05/07/2018.

¹¹ MARTHA, Maria. *Natureza*. <<https://www.youtube.com/watch?v=UG2SXh9UsRE>>, acesso em 04/07/2018.

que reflete sobre o espaço que o homem tomou da natureza, das matas do Brasil.

Na apresentação Martha estava acompanhada de Bré (percussão) Edmilson Capelupi (violão 7 cordas) e João Poletto (flauta)

Natureza, de Maria Martha

Raio de Sol me espiou
Pela fresta da janela
A sabiá me chamou
E eu vim com ela
Eu vim caminhar na estrada
Tomar um solzinho
Ouvindo o canto da passarada
E do riachinho

E tava tão bom, tava tão bom
Tava tão bom, tava tão bom

Até que de repente, na minha frente
Apareceu
Este pobre passarinho,
Tão vermelhinho, tão bonitinho,
[quietinho
Parece que dorme em paz, mas esse não
[voa mais (bis)

Tadinho do tiê-sangue, que morreu assim
Tadinha da Natureza, tadinha de mim

Que tô aqui chorando, na beira do
[caminho

Velando um corpinho, quieto
De um pobre passarinho
Que como eu saiu de casa,
Cedinho, cedinho
E foi voar pelo mato
Tomando um solzinho

E tava tão bom, tava tão bom
Tava tão bom, tava tão bom

Até que de repente, à sua frente apareceu
[a estrada

Será que foi caminhão, será que foi
[pedrada (bis)

Tadinho do tiê-sangue, que morreu assim
Tadinha da Natureza, tadinha de mim

Que tô aqui chorando, na beira do
[caminho

Velando um corpinho quieto
De um pobre passarinho

Será que passarinho, quando morre, vira
[anjinho

Asinhas ele já tem
E de Deus tem o carinho

E sai voando na mata, cantando o que
[aconteceu

Cuidado passarada, o mato não é mais
[seu (bis)

Tadinho do tiê-sangue, que morreu assim
Tadinha da Natureza, tadinha de mim

Na poesia de Maria Martha a música ganha outra conformidade: em vez da crítica política, como no programa de 1983, a reflexão sobre a acelerada destruição da natureza, uma temática cara aos tempos atuais, de ameaça de desaparecimento de boa parte da fauna e flora brasileira e aquecimento global.

Conclusão

A impressão que dá é que o programa *Sr. Brasil* consegue, utilizando-se do espaço televisivo, levar ao grande público aquilo que ele nunca vai ter oportunidade de encontrar, num raro momento de fomento, confluência e valorização da cultura popular produzida

pelos cidadãos de todos os cantos do país, desconectado de qualquer espírito mercadológico. E como disse Távola, na crítica feita há mais de 25 anos, sem o ranço saudosista, por isso seu sucesso. Claro que o programa está, hoje, na grade de programação de uma TV pública como a Cultura, que incentiva e valoriza a produção cultural e musical, tanto a erudita quanto a popular, é uma vantagem, sobretudo neste momento em que o mercado domina todos os passos do campo artístico brasileiro.

Quando o pensador colombiano Martin-Barbero, grande estudioso da televisão latinoamericana critica o midiacentrismo apontando que ele “é um elemento integrante de outros sistemas de maior envergadura como o econômico, cultural e político” e estão abertos às interferências exógenas que buscam padronizar o produto cultural mediado pela televisão para que ele possa fazer parte de um processo de mundialização de conteúdos, ele também nos dá uma possibilidade de, a partir das mediações, ou seja, “dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural da televisão” para procurarmos fazer uma leitura crítica da sociedade midiática.

Com o programa *Som Brasil* e o *Sr. Brasil* que acabamos de analisar, podemos perceber que as construções locais podem gerar um modelo de TV, que apesar de ser midiático e influenciável pelos processos mercadológicos, pode ser mais democrática, plural e de certa forma independente do que o campo artístico e cultural da televisão impõe a seus integrantes. Portanto é possível encontrar, mesmo no campo televisivo, espaços mediados de resistência, alguns fazendo conscientemente a disputa hegemônica e outros não, mas que servem de modelo

para que essa disputa aconteça, para o bem da sociedade. Tanto que outros programas com esse mesmo modelo desenvolvido por Boldrin, vem surgindo nos últimos anos em diversas emissoras de televisão, tanto públicas quanto privadas, buscando essa mesma essência do programa *Sr. Brasil*. ■

[CARLOS EDUARDO MAGNANI RIZZO]

É mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Escola de Artes e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (EACH/USP). Possui especialização em Mídia, Comunicação e Cultura pelo Centro Latino Americano de Comunicação e Cultura (CELACC) da Escola de Comunicação e Artes (ECA) da USP e graduação em Jornalismo pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). E-mail: cerizzo@gmail.com

Referências

ABREU, Ieda de. **Rolando Boldrin: palco Brasil**. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

BOLDRIN, Rolando. Caderno de músicas: vamos tirar o Brasil da gaveta. São Paulo: Irmãos Vitale, 2006.

CORRÊA, Willian; TAIRA, Ricardo. A história de Rolando Boldrin: Sr. Brasil. São Paulo: Contexto, 2017.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Editora UFRJ. Rio de Janeiro, 1987.

MATTOS, Sérgio. **Um perfil da TV Brasileira - 40 anos de história: 1950-1990**. Salvador: Associação Brasileira de Agências de Propaganda/ Capítulo Bahia: A Tarde, 1990.

SODRÉ, Muniz. **O monopólio da fala**. Função e linguagem da televisão brasileira. Petrópolis: Vozes, 2010.

BIBLIOGRAFIA ON-LINE

ALBIN, Ricardo Cravo. Dicionário Houaiss Ilustrado Música Popular Brasileira - Criação e Supervisão Geral Ricardo Cravo Albin. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Instituto Cultural Cravo Albin e Editora Paracatu, 2006. <<http://dicionariompb.com.br/mambembe/dados-artisticos>>, acesso em 05/07/2018.

BONDRIN, Rolando. <http://www.rolandoboldrin.com.br/som_brasil.asp>, acesso em 05/07/2018.

CULTURA MIX. **As radionovelas no Brasil**. <<http://cultura.culturamix.com/curiosidades/as-radionovelas-no-brasil>>, acesso em 04/07/2018.

DomTotal.com. Livro refaz trajetória do grupo Mambembe. <<http://domtotal.com/noticia/1095594/2016/11/livro-refaz-trajetoria-do-grupo-mambembe/>> acesso em 05/07/2018.

FARIA, Cadinho; TITANE. **Rio Araguaia**. <<https://www.youtube.com/watch?v=ndPkmpT3Gxo>>, acesso em 30/06/2018.

GLOBO. <<http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/chacrinha/trajetoria.htm>>, acesso em 04/07/2018.

_____. <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/musicais-e-shows/som-brasil-1981.htm>>, acesso em 04/07/2018.

INTERVOZES. **PARA BONI, acordo “Globo Time-Life” foi operação totalmente ilegal.** <<http://www.intervozes.org.br/direitoacomunicacao/?p=24911>>, acesso em 04/07/2018.

KUNTZ, Lucas. **Televisão, indústria da informação - Pierre Bourdieu.** <<http://colunastortas.com.br/televisao-industria-da-informacao-pierre-bourdieu/>>, acesso em 04/07/2018.

MARTHA, Maria. Natureza. <<https://www.youtube.com/watch?v=UG2SXh9UsRE>>, acesso em 04/07/2018.

RIZZO, Carlos. Viola, Minha Viola: a cultura caipira na televisão brasileira. <<http://paineira.usp.br/celacc/?q=pt-br/celacc-tcc/757/detalhe>>, acesso em 06/07/2018.

VALIM, Maurício; COSTA, Soraya. **Tudo sobre TV.** <<http://www.tudosobretv.com.br/histortv/tv80.htm>>, acesso em 04/07/2018.